

MEMÓRIA E UMA HISTÓRIA DE ARARUNA, UMA CIDADE DA PARAÍBA

Ivânia Patrícia da Silva

Especialização em Literatura e Cultura Afro-Brasileira/UEPB

i.p.silvasilva@bol.com.br

Profª Drª Solange Rocha

Orientadora/UFPB

banto14@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta a história de uma cidade do interior da Paraíba (Araruna), recuperada a partir de uma farmácia – Confiança –, fundada em 1922 que funcionou como ponto de encontro, entre outros. O uso de texto de memórias e a realização de entrevistas permitiram a recuperação de imagens sobre o seu cotidiano. Portanto, a abordagem da história oral possibilitou a construção de fontes e discursos de pessoas comuns, outrora omitidos na historiografia tradicional.

Palavras-chave: Memória, História Oral, Araruna.

O Estado da Paraíba é formado por 223 municípios contidos em quatro mesorregiões : Sertão Paraibano, Agreste Paraibano, Borborema e Mata Paraibana. Cada uma subdividida em microrregiões que apresentam características geográficas próprias. O município de Araruna está situado na microrregião do Curimataú Oriental no Agreste Paraibano.

Conta-se a história que Araruna (Paraíba), surgiu em torno de uma capela sob a invocação de “Nossa Senhora da Conceição”, por volta de 1830,

Construída por Feliciano Soares do Nascimento, que teria recebido duas léguas de terra, em pequeno planalto situado na frente mais elevada da serra chamado “chã da serra”, onde fez um roçado e construiu a já citada edificação em torno da qual surgiram as primeiras casas, em ambos os lados e em sua frente, configurando-se um largo em cujo centro fixou-se um cruzeiro de madeira, a uns 20 metros da fachada principal da capela” (1).

As ruas cresciam devagar e desordenadamente, a vida na povoação não tinha leis, saúde, segurança, não havia nenhum tipo de organização social, ou hierarquia, predominava o querer individual.

Era esse o panorama da Vila de Araruna na segunda metade do século passado. A vida era pacata, seus moradores preocupados unicamente com os seus roçados e criações, nem

pensavam em progresso e desenvolvimento. Os meios de transportes eram os burros e os cavalos. Para tratar de doenças “não havia médico, nem farmácia. Curavam-se com mezinhas e homeopáticas. Dormia-se cedo, com o pôr-do-sol. Acordava-se cedo, com o cantar dos galos”(2).

Mas antes do repovoamento por portugueses, os primeiros habitantes da serra de Araruna foram os indígenas que deixaram marcas e vestígios. As mais conhecidas são as pinturas rupestres da Pedra do Letreiro, também conhecida como Pedra da Santa. Eram os Paiacus, Janduis, Caracarás, seriam algumas tribos que aqui viveram até o final do século XVII, quando foram descobertos pelos colonizadores.

Além da serra de Araruna, que deu nome ao município e onde está localizada a sede, outras elevações merecem destaque — serra do Calabouço e a serra da Confusão.

Existe uma lenda em torno da serra da Confusão. Em tempos remotos, a cobertura vegetal era de uma mata densa, e os habitantes da região, que tentavam transpô-la, nunca chegavam ao destino, nem retornavam ao local de partida, simplesmente desapareciam. Segundo a lenda havia duas explicações: eram devorados por animais monstruosos ou por índios antropófagos, o que provocava uma “confusão”. Não havia explicação para o desaparecimento dos viajantes, daí o nome Serra da Confusão (3).

A herança indígena encontra-se no nome da cidade, pois Araruna vem da língua tupi, A'RARA UNA e que dizer *arara preta*. Na época nessas serras existiam muitas dessas araras, com uma plumagem azul escuro e que vista à distância, parecia de cor preta.

A cidade de Araruna foi emancipada, tornando-se vila no ano de 1876. Este ano também é muito importante, pois a Igreja Matriz ganha os primeiros tijolos e o sonho de se tornar a nova igreja de Araruna. Essa construção se arrastou por longos dezenove anos até que pudesse ser realizada a primeira missa no interior da Matriz. Teve a sua nomeação em honra a Nossa Senhora da Conceição.

No ano de 2000, foi totalmente restaurada e entregue novamente à população, passando a ser chamada de Santuário de Nossa Senhora de Fátima da Pedra da Boca.

O município teve o território organizado com base na pecuária e na agricultura de subsistência, embora inicialmente tenha havido destaque para algumas culturas comerciais: café e algodão. Nas proximidades da cidade de Araruna, encontra-se a Fazenda Maquiné, constituindo-se num exemplo de fazenda agropecuária e compondo um belo conjunto arquitetônico formado pela casa grande, uma capela, um armazém de café, casa de moradores, e um cemitério.

Araruna é localizada da seguinte maneira: ao Norte com Passa e Fica – RN; ao Sul e Oeste com o município de Cacimba de Dentro; a Leste com Campo de Santana. Ficando a uma distância de 165 km da capital do estado, João Pessoa. Possui uma área de 306,2 km², situada a 570m de altitude.

Araruna se Moderniza e se Embeleza

Mudanças na infra-estrutura de Araruna começaram a partir da primeira década do século XX, quando foi inaugurada a iluminação pública por lâmpadas de gás, ganhou a construção de um mercado central – maior obra pública até então realizada – e também chegou o telégrafo. Todos de muita importância política e social à cidade.

Já em 1908, Araruna contava com o Grêmio Dramático Ararunense e também o Grêmio Literário “Álvaro Machado” – responsáveis pela chegada e sucesso do teatro na cidade – e o jornal “A Vila”, que teve vida de três anos.

Araruna crescia, definiam-se ruas; Eptácio Pessoa, Solon de Lucena, Rio Branco. A cidade despertava, chegava à prosperidade, vinham bons tempos. As casas do tipo sobrado, com duas janelas, dispostas no alto da fachada, caracterizam a urbanização de Araruna.

No que se refere à economia, o clima, a geografia, a terra, ararunense propiciou uma grande capacidade agrícola: o algodão, o fumo, a mandioca, o café, o feijão, faziam parte da cultura daquele povo de mesa farta por ter privilégio de cultivar tantas maravilhas no seu solo.

Aos sábados havia a feira livre, que acontecia ao redor do Mercado, no centro da cidade, espalhando-se pelas ruas vizinhas. Esse era um dia de festa em Araruna. Considerando que era o acontecimento mais importante da cidade, a feira atraía feirantes de toda a redondeza, inclusive do estado vizinho, o Rio Grande do Norte.

Na madrugada começavam a arrumação das bancas e calçadas nos quais eram arrumados os apetrechos para serem negociados com os fregueses que chegavam com os primeiros raios de sol. A grande maioria deles vinha da zona rural, trazendo também artigos para comercialização.

A animação durava o dia todo, era muita agitação, o vai-e-vem durava até à tardinha quando o sol começava a se pôr e todos voltavam para suas casas, esperando o próximo sábado.

As festas de Araruna começaram a ser comemoradas em espaço público após a primeira década do século XX. Ao redor do mercado público eram erguidos barracas com comidas e bebidas. Geralmente essas barracas eram montadas antes do Natal, chegando até o Ano Novo. Dizem que a festa só acabava com o nascer do outro dia. A Festa da Padroeira também era bastante festejada -08 de dezembro- chegando ao ciclo de 10 dias de animação profana e eclesiástica.

A arborização também esteve presente nos primórdios de Araruna, por volta de 1921, o então prefeito José Targino, pinta o Mercado Livre e obriga os proprietários das casas ao redor do Mercado a fazerem a mesma coisa pelo menos na frente das casas. A idéia da arborização vem em seguida com a plantação de várias árvores nas principais ruas da cidade.

No ano de 1926, a energia a motor chega a Araruna, trazendo alegria, festejos e progresso. Por quase quarenta anos Araruna assistia a mesma coisa: às seis horas acendiam-se as luzes, as dez e meio era dado o primeiro sinal – todos corriam para casa – as onze apagavam-se de vez. Até que em 1965, foi instalada a energia de Paulo Afonso.

Em 1937, é construída a primeira Praça de Araruna, denominada Praça Getúlio Vargas. Tornou-se ponto de referência à juventude; bancos, jardins, lá as pessoas se encontravam ,

saiam para bate-papos, passeios, flertes. Em 1938, foi construída a Praça João Pessoa, a qual atualmente é a praça principal da cidade.

A década de 1950 trouxe consigo a modernização de lojas, bodegas, mercearias, cidade urbanizada, comercial, havia até aluguéis de bicicletas (coisas de interior modernizado). Os anos seguintes trouxeram a padaria, alfaiataria, lojas de tecidos, farmácias, cinema, além de bares e casas de jogos.

O Início da Farmácia

Nesse cenário de modernização surgiu a Farmácia Confiança, fundada nas primeiras décadas do século XX, popularmente e só conhecida como a Farmácia de seu Sátyro, até então. Como nos explica o pai-dos-burros, podemos compreender a farmácia como um estabelecimento onde se preparam ou vendem remédios, ou ainda, parte da Farmacologia que estuda o modo de preparar, caracterizar e conservar os medicamentos, porém, no contexto histórico-social da cidade de Araruna, este termo significou mais que uma terminologia semântica.

Por trás do relacionamento comercial que acontecia corriqueiramente na farmácia, há também um significado histórico, pois esta esteve ligada à vida de Araruna, ultrapassando a mera comercialização de drogas, tornado-se uma referência para as rodas de bate-papo, onde tudo se discutia: política, sociedade e cultura. Esteve em meio a muitas gerações, perpassando na vida do Brejo e da própria Paraíba.

“A farmácia era um centro formador de opinião, as pessoas iam para lá para se interar dos acontecimentos e debater. Saíam com opinião formada, fosse religiosa, política ou social”. (4)



Fachada da “Farmácia de Seu Severino”

A História da Farmácia começa em 1922, com Sátyro da Costa Lima, comerciante de estivas em Alagoinha, que veio morar em Araruna para fazer negócios e se estabeleceu com comércio de tecidos e estivas. Mais tarde mudava os seus produtos para injeções, curativos e manipulações. Como entendia de tudo um pouco e via o sofrimento do povo que na época morria de impaludismo, sarampo, bexiga e verminose, percebeu que podia amenizar aquele sofrimento receitando e comercializando, por exemplo, quinino, que chegava a terra através de cavalos vindos da cidade de Bananeiras ou Logradouro.

Rapidamente aumenta o arsenal terapêutico, antes constituído apenas de folhas, raízes e homeopantias. Em pouco tempo ganhou a estima e confiança de todos, com isso a farmácia também crescia, para atender, receitar, curar, sempre corretamente e com eficácia observada pela população.

Na rotina de atendimentos eram comuns ferimentos com faca, membros quebrados, tiros, inclusive mortes. As pessoas corriam à farmácia para saber dos acontecimentos e presenciar o desenrolar dos fatos.

Nos anos de 1940, a feira de Araruna se realizava nas proximidades do Antigo Mercado Público, centro da cidade, onde também se localiza a Farmácia de Confiança. Nos dias de feira (sábado) e missa (domingo), aconteciam verdadeiras festas. Pois a população rural vinha à cidade, havia um grande tráfego de pessoas e animais nas ruas, conseqüentemente aumentava o movimento na farmácia.

Sátyro casado com Júlia, não tivera filhos. Indo morar consigo alguns sobrinhos, entre eles o garoto Severino Cabral de Lucena, 10 anos de idade, que acompanhou e cresceu junto com a Farmácia. Personagem principal da história, de quem falaremos mais adiante.

O tempo passou e com ele veio a prosperidade. Fruto de muito trabalho e dedicação, a farmácia ganharia novas instalações, mais modernas e adequadas para o novo tempo.

“O sortimento da farmácia era visível, estava muito aquém de um quebra-galho, era um ambiente muito limpo digno de uma farmácia. Não vejo diferença das farmácias de hoje para aquela do meu tempo”. (5)

Um fiteiro, cadeiras, bancos, balcão com armários e gavetas, cômodas e prateleiras envidraçadas. Utensílios e acessórios novos também chegaram: cálices, funis, gral e pistilos, espátulas, fracos, sais e tinturas, tudo para o sucesso no tratamento da clientela.

Araruna não possuía médico, cabia a Sátyro também consultar, receitar e vender, tudo baseado na experiência e no olho clínico. A legalização da Farmácia só veio em 25 de julho de 1933.

Com o passar dos anos o menino Severino Cabral de Lucena cresceu e também seus deveres na farmácia. Aos 17 anos, já aplicava injeções, fazia curativos, também manipulava. Enquanto isso, Sátyro envolveu-se com os “dentes” e se distanciou dos remédios, sobrando quase todo o

trabalho para Severino, que, em 1933, ganha o título Prático de Farmácia, depois de prova previamente marcada e estudada.

Nesta época, Sátyro já se encontra dentista licenciado, e em 1941, deixou Araruna indo morar em Sapé, onde manteve com grande êxito o seu consultório dentário até 1945, quando ocorreu sua morte.

Severino, agora licenciado e dirigindo sozinho a farmácia, preocupava-se em modernizá-la e se atualizar mais através de assinaturas de revistas e jornais. Em nenhuma farmácia poderia faltar o Formulário Magistral de Terapêutica do Dr. Urias A. Silva, edição de 1914, neste havia milhões de fórmulas e vários métodos de tratamento.

Em novembro de 1937, Severino casa-se com Dorinha, sobrinha de Sátyro, juntos administram a farmácia. As consultas no balcão eram feitas ali mesmo, na vista de todos até, através de bilhete. “Severino cuidava do povo com dedicação, a ausência de médicos, faziam dele o único que podia ajudar a uma população pobre e sem estrutura como aquela. Ele fez seu trabalho muito bem servia a todos sem distinção nenhuma”(6).

Seu Severino passou a ser médico, pois ali no balcão, indicava remédios para diferentes males, gripes, diarréias, coceiras.

Segundo D. Rita Ana, que na época morava no Riachão, cerca de 25 km de Araruna, as pessoas saíam de lá para virem se consultar com Seu Severino.

“Sua fama corria a redondeza, vínhamos do Riachão, pois não havia médicos” (5). Quando perguntada sobre o conhecimento da formatura do farmacêutico ela responde: “Sabíamos que ele não tinha nenhuma formatura médica, mas, sua experiência e boa vontade obravam verdadeiros milagres”.

Fato marcante na memória de Humberto Fonsêca de Lucena foi certa vez quando um homem chegou à farmácia com os intestinos para fora, fruto de uma briga. Diante da gravidade do caso foi chamado o padre para dar a extremação. Seu Severino começou a cuidar dos ferimentos, como não havia nenhuma perfuração, colocou-os para dentro da barriga, costurou-a e em um mês o homem voltou à cidade, contando a história (7).

Depois de tanta agitação e correria, consultas, manipulações, bate-papo e as demais situações corriqueiras, o dia chegava ao fim, vindo com a noite às tarefas de limpar, varrer, anotar os fiados, e calcular os lucros.

Na semana, o movimento era tranqüilo. Portanto, a sexta-feira era a preparação da mercadoria mais procurada pelos fregueses do sábado – chá purgativo; pó de ouro; pó de Joannes; mercúrio doce, as fórmulas oficiais.

A balança de precisão, era parte indispensável na preparação de sais, a quantidade exata de líquido, a mistura acertada de tudo. Tudo eram fórmulas: adstringentes, anticépticos, analgésico, antitérmico, pomada.

A população de Araruna sempre foi muito carente, acarretando por diversas vezes a falta de dinheiro para comprar inclusive medicamentos. O fiado sempre esteve presente nos caderninhos de anotações. Segundo Rita Ana, “O velho fiado era pago quando dava e de acordo com as possibilidades dos clientes. O que era enfatizado era a saúde da pessoa. Apesar de também tirar dali o seu sustento, Severino era muito “Caxias”” (5).

Fato interessante é narrado por Humberto Fonsêca, trata-se de uma anedota, mas verdadeira.

O Juiz de Direito da cidade mandou comprar na Farmácia de Seu Severino um remédio e sua esposa D. Dorinha não despachou a empregada dele. Pois era um velhaco de mão cheia. Ao saber que não tinha sido atendido o Juiz mandou prendê-la. Escapando da prisão por intervenção do Padre Severino que a abrigou na Casa Paroquial (8).

Farmácia Ponto de Encontro

Nos meados da década de 20, Araruna não possuía luz elétrica, a farmácia era um dos poucos estabelecimentos que ficava aberto à noite. Isso atraía algumas pessoas, inclusive de importância social para conversar fazer negócios, falar da vida alheia, tudo isso a luz de lampião. A dificuldade ao acesso aos meios de comunicação, trazia as pessoas à necessidade de deslocar-se de casa para enterar-se dos acontecimentos da própria cidade como também dos fatos os quais transformavam o mundo.

Entre essas figuras destacam-se o Padre, o Oficial de registro, o Agente dos Correios, alguns comerciantes, líderes políticos, o Juiz Municipal, o Prefeito, o Delegado, o Médico, todos com o mesmo intuito, informarem-se dos últimos acontecimentos e sempre assiduamente. Começavam a chegar após o jantar, por volta das dezoito horas, só acabando a reunião quando a luz dava o primeiro sinal que iria apagar lá para as vinte e duas horas!

No meio daquela roda saía de tudo: lucros e dívidas, inverno e calor, políticos, festas e religião. Fofocas, brigas políticas, de rua, de marido e mulher, namoros e chamegos.

“Estive presente na roda de bate-papo por mais de cinquenta anos, todas as noites. Bater o ponto era sagrado. O bate-papo era sadio, havia respeito mútuo, de tudo se falava um pouco. A única mulher presente era Dorinha, esposa de Severino, que o auxiliava. Mesmo assim, sua presença trazia respeito de todos, dependendo da conversa se fazia até silêncio, quando se dava a sua chegada” (9).

Um desses personagens era o amigo íntimo da família Lucena, o Chico Soares, já falecido. Fato engraçado é narrado por LUCENA:

Em agosto de 1940, Rui Carneiro é nomeado Interventor da Paraíba. Foi a capital Chico Soares, Yoyô Moreira e seu irmão Ernesto Moreira, almejando a Prefeitura de Araruna. Porém Rui nomeou Alberto Targino da Fonseca para o cargo. Quando voltaram, Chico foi à farmácia e Seu Severino perguntou:
— Chico, e aí?
Ele com bom humor;
— Voltamos o verbo “nem”.

— E “nem” é verbo Chico?
— É. Nem eu, nem tu, nem eles.
E foi só gargalhada. (10)

A farmácia foi cenário do acontecimento de muitas amizades, era uma zona neutra.

Para Humberto Lucena, Severino não era simplesmente comerciante, respeitava o relacionamento humano. Não fazia distinção entre as classes sociais. Não importava somente o lucro, a essência da Farmácia era fazer o bem.

A partir da firmação de um estabelecimento comercial sério e formal como a Farmácia Confiança, Araruna recebe os primeiros representantes de drogas, vendedores de matéria-prima para produzir remédios. Estes vinham “a cavalo, três ou quatro vezes por ano, dos municípios de Bananeiras ou Logradouro”. Elixir de Inhame, xaropes Phymatozan e Brasil, vinho Reconstituente Silva Araújo, Tônico Capivarol, Emulsão de Scott, A Saúde da Mulher e Bentônico Fontoura, muitos destes ainda existentes no mercado atual. Estes vinham em caixões de madeira pelo trem e chagavam em Araruna em lombo de burro. Ora, naquela época fora estes os meios de transportes mais rápidos e utilizados por grande maioria da população.

O Formulário de Chernoviz ensinava a manipular as fórmulas e guiava o remédio a cada doença. Nos anos 1940 e 50, o viajante das drogas era o grande encarregado de fazer a ligação de Araruna com o mundo, a distância geográfica, a escassez de automóveis, havia toda uma dificuldade de comunicação. Traziam consigo, além de automóveis novos, bonitos anúncios, propaganda de remédios, amostras e brindes.

Segundo Lucena “os almanaques vinham em grande quantidade e eram esperados pela freguesia”. Os laboratórios tinham interesse em lançá-los, porque divulgavam “os produtos por eles fabricados, os almanaques alcançavam milhões de leitores de todo o Brasil e se tornaram tão populares que não havia farmácia sem a sua existência” (11).

Mudanças no relacionamento dos moradores de Araruna com a farmácia transformaram aquele ambiente. Local que antes exercia um papel mediador de sociabilidade, com os novos tempos, a farmácia passa por mudanças na segunda metade dos anos 1960, quando as rodas de bate-papo começam a se extinguir. A luz elétrica trouxe os meios de comunicação, os hábitos mudaram, o rádio e a televisão passaram a ser um meio de distração das pessoas que não precisam sair mais de casa para se informar dos acontecimentos. Estes foram os grandes vilões da transformação da sociabilidade na convivência dos frequentadores da Farmácia confiança, o comodismo e o conforto de ter as notícias em suas mãos prenderiam as pessoas em casa, mudando enfim, a rotina da farmácia.

Mesmo sem as rodas de bate-papo, a farmácia de Seu Severino continuou com sua atividade comercial. Neste período a cidade já contava com médicos e um hospital que seria criado em meados dos anos 1950, o Hospital e Maternidade Maria Júlia Maranhão, que ainda hoje existe.

O desenvolvimento tecnológico e social ocorrido a partir dos anos 60 modifica o sentido da farmácia, que deixaram de manipular e passaram a ser simplesmente “casas comerciais”.

O tempo também passou para seu proprietário. Nos anos 1990, Seu Severino contava com quase oitenta anos, já vivera e presenciara muita coisa. Os tempos não eram os mesmos e sua saúde começava a mostrar-se debilitada. Sua ausência na farmácia era notada por todos precisava dos seus préstimos ou simplesmente freqüentavam o comércio.

Nesse contexto coincidentemente a farmácia começa a declinar. Uma instituição com mais de 70 licenças oficiais, começava a ruir. Faltavam medicamentos, prateleiras vazias, clientes escassos.

“A partir da ausência de Severino, é notório o declínio da farmácia. Sua figura, sua assistência era fundamental na manutenção da “Confiança”. Coincidiu também com a modernidade; médicos, hospital, muita coisa contribuiu, mas Severino era a chave principal, a que não podia faltar” (6).

Em outros depoimentos também se percebe a importância da figura de Seu Severino, como podemos observar:

“Não importava sua formatura acadêmica, Severino muito contribuiu para esta cidade em tempos onde tudo era difícil; transporte, saúde, educação. Aquela farmácia foi de extrema importância para Araruna e redondeza” (5).

Ainda Seu Ismar Macedo revela: “A ausência de Severino foi peça-chave para o fechamento da farmácia. Você sabe, os funcionários atendiam muito bem, mas se não tiver o olho do dono...”

Mesmo assim, Seu Severino continuou a sua tarefa de clinicar seus fregueses, até os últimos dias de sua existência.

A partir de 1994, Seu Severino adoece e se afasta da farmácia que é dirigida à distância pelo seu filho Humberto Fonseca de Lucena, já citado. Permanece doente mais ou menos quatro anos, vindo a falecer em 1998. A partir daí começaria contagem regressiva para seu fechamento oficial e fim de uma história de tantos anos e no final de 2005 é dado baixa nos documentos da farmácia, suas portas são fechadas.

A farmácia de seu Severino deu frutos. Aqueles que passaram por lá como irmãos, sobrinhos, primos levaram as influências e começaram este mesmo comércio no lugar onde vivem.

Considerações Finais

Ao término deste trabalho que apresenta em sua essência a oralidade através do resgate da memória, percebemos qual a verdadeira função da Memória no processo de caracterização da História; sem memória não há história. Como

conseguiríamos produzir este trabalho sem o auxílio da memória? Não basta apenas lermos muito nem entendermos outro tanto, se não conseguirmos memorizar pelo menos o necessário para nos retratarmos as discussões. Sem a memória, não havia estudo, nem conhecimento, muito menos razão. Sem memória, nossa civilização caminharia desorientadamente, sem ascendência ao seu passado, sem consciência em seu presente, e sem perspectivas ao futuro.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes

preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Ambas são mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Através da memória abordamos problemas do tempo e da história, ao mesmo tempo temos a oportunidade de rever conceitos e preconceitos.

Em algumas civilizações onde a escrita não é necessariamente usada para a propagação de tradições, valores ou assimilação da cultura, a memória se faz presente em todos os momentos da sociedade sendo responsável pela disseminação das tradições de geração a geração.

A memória está presente no quotidiano de qualquer sociedade, desde o ato de reviver uma data até a construção de um monumento para concretização de uma memória que um dia esteve presente no consciente de alguns indivíduos. O processo da memória no homem faz intervir não só na ordenação de fatos e acontecimentos como também permite uma releitura desses fatos através das várias interpretações que podem surgir a cada lembrança.

Através da memória podemos resgatar a importância da farmácia Confiança no contexto de Araruna/Pb. No ato de sua fundação, poucos e raros são os documentos que pudemos pedir auxílio na construção deste trabalho. Graças à memória tivemos a possibilidade de tentar reviver e recontar os fatos e acontecimentos, reencontrar o tempo. Aqui se faz presente uma tentativa de resgatar a história, através da memória, a qual tem a responsabilidade de repassar as gerações futuras os marcos e ciclos da História.

Logo, compreendemos que está implícita nossa intenção de fomentar a discussão e despertar em outras pessoas o desejo e a curiosidade de adentrar na linha da oralidade, explorando a memória como subsídio a construção da História.

Notas

- 1 RODRIGUEZ, Janete Lins (coord.). **Conhecendo Araruna**. João Pessoa: GRAFESET, 2001.p.15.
- 2 LUCENA, Humberto Fonseca. **O mercado de Araruna e seus arredores**. João Pessoa: Empório dos Livros, 1996.p.51.
- 3 RODRIGUEZ, Janete Lins (coord.). **Conhecendo Araruna**. João Pessoa: GRAFESET, 2001.p.10.
- 4 Humberto Fonseca de Lucena, 66anos, farmacêutico aposentado. (01/09/2007)
- 5 Rita Ana dos Santos, 80 anos, secretária aposentada. (30/08/2007)
- 6 Maria das Graças Brito de Lucena, 76 anos, técnica judiciária aposentada. (30/08/2008)
- 7 LUCENA, Humberto Fonseca. **Memória de uma Farmácia** (Subsídio para a História de Araruna). João Pessoa: Universitária, 1991. p.73.

8 ibidem, p.72.

9 Ismar Ferreira de Macedo, 81 anos, agricultor aposentado. (01/09/2007)

10 LUCENA, Humberto Fonseca. **Memória de uma Farmácia** (Subsídio para a História de Araruna). João Pessoa: Universitária,1991. p.80.

11 ibidem, p.80

